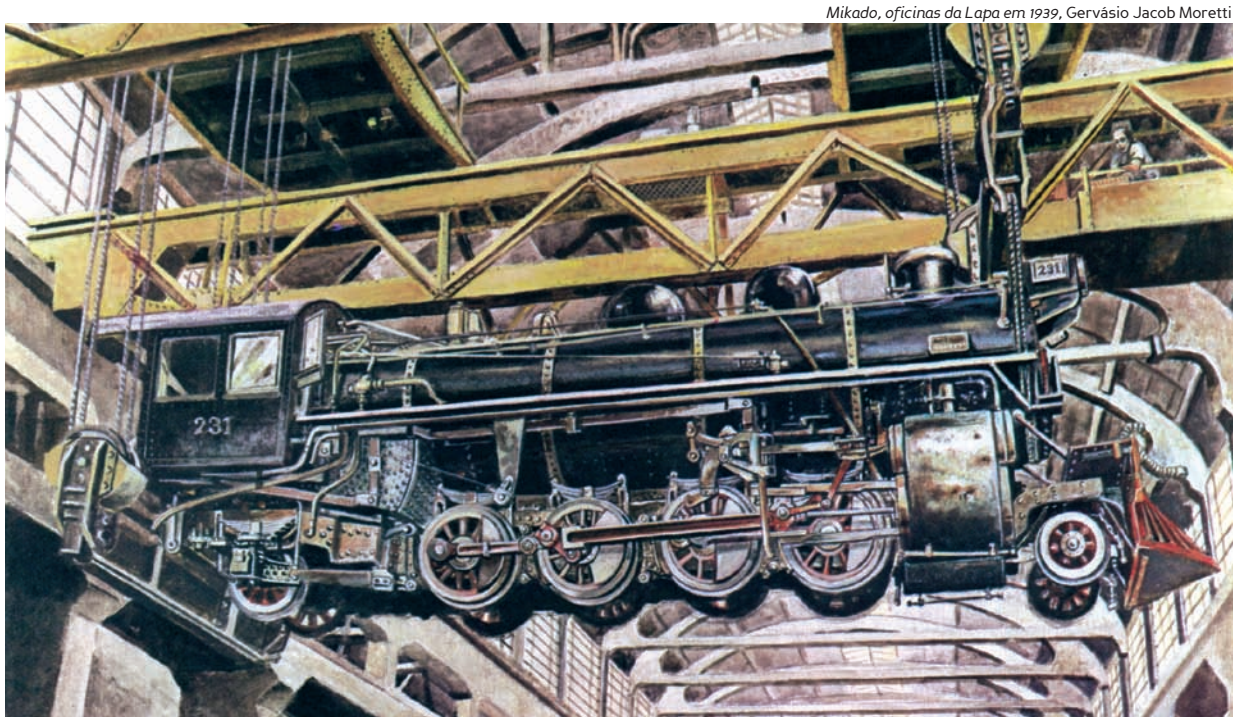
Reportagem de capa

Um Estado exemplar

Iniciativa pioneira sobre a história de São Paulo, obra reúne em três volumes artigos de mais de 40 especialistas sobre a formação de uma experiência social e econômica única no país



Mikado, oficinas da Lapa em 1939, Gervásio Jacob Moretti

Capas Reprodução

Eliza Muto

Como o espaço ocupado pelos paulistas nasceu e se consolidou, transformando-se num exemplo de dinamismo econômico e social para o Brasil? Esse é o tema abordado no livro *História do Estado de São Paulo: a formação da unidade paulista*, produzido em coedição pela Editora Unesp, Imprensa Oficial e Arquivo Público do Estado de São Paulo. A obra, em três volumes, apresenta um panorama diversificado da trajetória estadual – econômico, político, social, geográfico, científico e cultural –, sob a ótica de mais de 40 especialistas.

"Pela primeira vez, o Estado de São Paulo ganha um livro sobre sua história", diz João Ricardo Caldeira, professor da Universidade de Guarulhos (UnG) e da Universidade Paulista (Unip). Caldeira organizou a obra com Nilo Odalia, ex-professor de Filosofia da História nos Câmpus de Assis e Araraquara da **Unesp** e falecido em 2004. (*Veja quadro.*)

Caldeira explica que a trilogia analisa a riqueza do processo de construção dessa unidade federativa. "Além disso, o livro aponta características próprias da região, como autonomia em relação ao governo central; dispersão espacial da riqueza, presente tanto na capital quanto no Interior; e formação de um sistema universitário público de padrão internacional", afirma.

Período obscuro – Mas nem sempre o Estado, responsável por cerca de um terço do PIB (Produto Interno Bruto) brasileiro, teve o atual destaque. É o que aborda Heloísa Liberalli Bellotto, professora aposentada da Universidade de São Paulo (USP), em artigo sobre a Capitania de São Paulo no período de 1748 a 1775.

No século XVIII, a atenção da metrópole portuguesa voltou-se para as minas de ouro e diamantes de Goiás, Mato Grosso e principalmente Minas Gerais, que inicialmente integravam a Capitania. Um alvará de 1720 determinou a separação de Minas da Capitania de São Paulo, que em 1748 acabou extinta, após também perder os territórios goiano e mato-grossense, ficando sua população subordinada ao Rio de Janeiro.

Mais tarde, com a diminuição das jazidas mineiras, a autonomia de São Paulo voltou a ser considerada. O homem que assumiu a tarefa de restaurar a capitania foi Dom Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, o Morgado de Mateus, que tomou posse como governador em 1766.

Ao longo de dez anos, ele fundou cidades, incentivou as plantações de cana-de-açúcar e promoveu melhorias no Porto de Santos, entre outras medidas. "O seu governo foi um marco na história de São Paulo", avalia Heloísa.

Café e ferrovias – Mas a afirmação estadual se efetivou com a economia cafeeira, principalmente na segunda metade do século XIX, com a associação das plantações ao avanço ferroviário. Flávio de Saes, professor da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP, explica que a cultura do café começou no Vale do Paraíba, antes de 1850, e seguiu em direção ao Oeste Paulista, nas décadas seguintes.

De acordo com Saes, as regiões cafeeiras ficaram conhecidas pelo nome das ferrovias que as serviam: Paulista, Mogiana e Sorocabana. "Novos cafezais continuaram a ser plantados na primeira metade do século XX; aí também as empresas ferroviárias rotularam as regiões: Alta Paulista, Alta Sorocabana, Araraquarense, Noroeste", acrescenta o professor em artigo sobre a economia estadual no século XX.

A historiadora Palmira Petratti-Teixeira, professora aposentada do Câmpus de Marília da **Unesp**, assinala que, entre 1860 e 1880, surgiram as primeiras ferrovias, "dando início ao predomínio de uma nova mentalidade, dirigida pelos interesses da cafeicultura, que fez de seus interesses os do Estado".

A historiadora acrescenta que, nessa empreitada, também foram desbravadas novas áreas e nasceram vários núcleos urbanos. Com a Estrada de Ferro Sorocaba-

São Paulo no tempo

COLÔNIA (1500/1822)

Área: a Capitania de São Paulo e Minas de Ouro, criada em 1709, englobava os atuais Estados de SP, MG, SC, PR, GO, TO, MS, MT e RO. Ao longo do século XVIII, a maioria desses territórios se desmembrou
População: principalmente índios e mamelucos
Economia: bandeirismo (busca de minérios e captura de mão de obra indígena) e cana-de-açúcar

Reprodução

Área de capitania abrangia nove Estados atuais

IMPÉRIO (1822/1889)

Área: em 1853, Paraná ganhou autonomia e São Paulo passa a possuir seu território atual (cerca de 248 mil km²)
População: cerca de 837 mil habitantes em 1872
Economia: cafeicultura, intimamente associada à expansão ferroviária

Arquivo público do Estado de São Paulo

Fazenda de café: símbolo de uma época

na, por exemplo, surgiram Cerqueira César, Manduri e Bernardino de Campos.

Imigrantes e trabalhadores nacionais – A expansão dos cafezais também está relacionada ao crescimento populacional, em grande parte impulsionado pela imigração europeia. Afinal, com a crise do sistema escravista, os fazendeiros preocupavam-se em obter mão de obra para as plantações.

De acordo com Palmira, o grande salto numérico na entrada de europeus ocorreu em 1887, graças a leis de incentivo à imigração. Entre 1887 e 1888, desembarcaram no país 125 mil indivíduos. Na década de 1890, São Paulo, que tinha 1,2 milhão de habitantes, registrou a entrada de 715 mil imigrantes.

Em artigo sobre a imigração, José Sebastião Witter, professor emérito da USP, destaca que uma das medidas governamentais mais importantes foi a construção da Hospedaria dos Imigrantes, na capital. Ali, os recém-chegados permaneciam por até oito dias, antes de irem para as plantações.

Witter destaca o fluxo de italianos para São Paulo. Para ele, esses imigrantes foram fundamentais na luta pela propriedade agrária, que resultou na fragmentação das grandes fazendas no Estado.

Denise Moura, professora do Câmpus de Franca da **Unesp**, lembra, no entanto, que a mão de obra brasileira livre também foi importante para a cafeicultura paulista. "Em varias áreas, os fazendeiros fizeram uso dos trabalhadores nacionais – em grande medida mulatos, ex-escravos, filhos de libertos e imigrantes nordestinos", ressalta.

De acordo com a especialista, os fazendeiros fizeram acordos também convenientes para os trabalhadores brasileiros, que em grande parte eram pequenos lavradores. "Para um cafeicultor obter o compromisso de trabalho de um roceiro, ele deveria permitir que as tarefas na propriedade não interferissem no plantio, colheita e trato dos gêneros plantados pelo roceiro, por sua família ou nas solicitações de vizinhos ou parentes", esclarece.

Urbanização e cultura – É ainda durante o ciclo do café que a cidade de São Paulo começa a ganhar traços de grande centro urbano, também beneficiada pela expansão da atividade industrial. Palmira observa que, entre 1900 e 1907, o número de estabelecimentos na capital cresceu 126% e o número de operários, 91%.

Saes reforça que, na Primeira República (1889-1930), houve a formação de um núcleo de grandes empreendimentos em diversos ramos, como bancos, fábricas têxteis e empresas de serviços públicos, como transporte.

Nesse contexto, a mulher ganha maior visibilidade, aponta em seu artigo a historiadora Maria Izilda de Matos, professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Em 1920, 31% da população feminina acima de 21 anos e 14% daquela com menos de 21 anos tinham emprego remunerado na capital.

Essas mulheres trabalhavam na indústria, especialmente no setor têxtil. Muitas também marcaram presença no comércio, à frente de pequenos estabelecimentos, para complementar a renda da família. Outras ainda, segundo Maria Izilda, exerciam ocupações femininas tradicionais, por exemplo, como lavadeiras.

A evolução urbana também contribuiu para o florescimento de uma expressiva produção cultural paulista, na literatura, nas artes plásticas e em vários outros campos. A capital foi palco, em fevereiro de 1922, da Semana da Arte Moderna, analisada em artigo do historiador Fábio Franzini, professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

O também historiador José Inácio Souza relata que a criação da Companhia Vera Cruz, em São Bernardo do Campo, em 1949, deu "um destaque inusitado" ao cinema paulista. Embora com vida curta – sobreviveu até 1954 –, a Vera Cruz produziu filmes de qualidade. O maior exemplo dessa produção é *O Cangaceiro*, premiado no Brasil e no Exterior. "A Vera Cruz criou um sistema de produção, mudando o patamar de existência do cinema de São Paulo e, consequentemente, do cinema brasileiro", afirma Souza.

Ao longo do século passado, a imprensa escrita paulista também ampliou sua influência nacional. O artigo de Luiz Antonio Dias, doutor em História Social pela **Unesp**, Câmpus de Assis, e professor da Universidade Santo Amaro (Unisa), mostra como, no início da década de 1960, os jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo* buscaram formar uma opinião pública favorável à deposição do então presidente João Goulart.

Ele cita o caso dos editoriais do *Estadão*. "Alguns eram até desrespeitosos e chamavam Goulart de 'ditador', 'usurpador', 'o homem de São Borja'", exemplifica. Com a derrubada do presidente pelo golpe de 1964, os dois veículos saudaram o governo militar como democrático e legal, segundo o historiador.

Dianteira – Na área da educação, São Paulo impulsionou o crescimento de sua rede de ensino elementar a partir da reforma empreendida por Caetano de Campos, em 1890, com a criação dos grupos escolares, conforme análise de Elaine Lourenço, professora da Universidade Nove de Julho, e Márcia Razzini, professora colaboradora da Unicamp.

O Estado também se distingue por um sistema universitário público de alto nível. Caldeira observa que a criação da USP, em 1934, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), entre 1962 e 1966, e da **Unesp**, em 1976, indica uma característica singular da formação histórica do Estado. Segundo ele, as elites paulistas investiram na modernização regional com a implantação de órgãos voltados para a produção de conhecimento de alto nível.

Na economia, a partir dos anos 1980, o Estado passou por um processo de "desindustrialização" mas manteve uma posição predominante no cenário nacional. Saes observa que, embora os serviços em geral e as instituições financeiras tenham ampliado sua participação econômica, "ainda hoje a agricultura paulista faz uma contribuição expressiva para a renda do Estado e do Brasil, e a indústria continua presente na capital do Estado".

Referência intelectual

Nilo Odalia (1929-2004) é uma referência intelectual da tradição universitária brasileira. Fez parte das primeiras turmas da Faculdade de Filosofia da USP e dedicou-se ao ensino e à pesquisa, tendo importante papel na fundação da **Unesp**. Foi diretor da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), em Araraquara, e também esteve à frente do Arquivo Público de São Paulo.

Na cerimônia de concessão do título de professor emérito a Odalia, em novembro de 2010, Marco Aurélio Nogueira, professor da FCL em Araraquara, destacou o papel desse pensador na luta pela democratização da educação. "Muito da **Unesp** de hoje é fruto das sementes plantadas quando Nilo esteve em ação – em Assis, em Araraquara, nos embates inaugurais da Associação de Docentes, na Reitoria, na Fundunesp", disse.

José Ribeiro Júnior, ouvidor-geral da Universidade e professor da FCL em Assis, enfatizou a preocupação de Odalia com a produção e a preservação de conhecimento. "Com uma formação literária nacional e internacional muito sólida, ele deixou um legado de ensino e pesquisa de alto nível", assinalou.

EM

Mônica Ritcher

Odália foi um líder na formação da Unesp

INÍCIO DO SÉCULO XX

População: 4,5 milhões de habitantes em 1920. De 1888 a 1930, o Estado recebeu 2,25 milhões de imigrantes da Europa e Ásia
Economia: cafeicultura, indústria, comércio, bancos, ferrovias, transporte urbano e energia elétrica

Irmãos Reichert

Indústria modernizou economia estadual

HOJE

População: mais de 41 milhões de habitantes em 2010
Economia: serviços, finanças, indústria, agricultura, pecuária. PIB de mais de R$ 1 trilhão em 2008, quase 34% do PIB brasileiro
Pesquisa: **Unesp**, USP e Unicamp se destacam no cenário nacional e internacional

Eliana Assumpção

Alunos em Araçatuba: avanço universitário

Reportagem de capa

As cidades da Unesp

O terceiro volume da obra História do Estado de São Paulo: a formação da unidade paulista *apresenta, de forma resumida, a trajetória de cada um dos municípios paulistas, além de breve perfil de todos os seus governantes. Conheça um pouco das cidades onde a* ***Unesp*** *está presente:*

Reprodução

Araçatuba
O nome é devido à presença de araçás na região. Nasceu em 1908, com a inauguração de uma estação da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. Ganhou autonomia em 1921.

Araraquara
Em tupi-guarani, "refúgio das araras". Fundada em 1805 por Pedro José Neto, ex-foragido da lei, desenvolveu-se com o café. Foi emancipada em 1832.

Assis
Habitada principalmente por italianos, foi fundada em 1905. Desenvolveu-se após a instalação de uma estação da Estrada de Ferro Sorocabana. Tornou-se autônoma em 1917.

Bauru
Cresceu graças ao café, tornando-se distrito do município de Espírito Santo da Fortaleza em 1893. Três anos depois, virou sede do município, que adotou seu nome.

Botucatu
"Bons ares" em tupi-guarani. Surgiu com as fazendas de jesuítas instaladas no século XVIII, ganhando autonomia em 1855.

Dracena
A inauguração da estação rodoviária trouxe rápido crescimento à cidade, fundada em 1945. Em 1948, a cidade, batizada com o nome de uma planta da região, tornou-se autônoma.

Franca
Sua origem está ligada ao arraial Bonito do Mimoso do Capim Redondo, construído por bandeirantes no século XVIII. Autônoma desde 1821, é hoje polo de produção de sapatos.

Guaratinguetá
"Muitas garças brancas" em tupi-guarani. Passagem de viajantes entre São Paulo e Rio, destacou-se pelo cultivo da cana e do café. Foi emancipada em 1651.

Ilha Solteira
Seu crescimento está associado à construção da Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira. Tornou-se sede do distrito em 1989 e ganhou autonomia dois anos depois.

Itapeva
Ponto de passagem de tropeiros entre Sorocaba e Curitiba. "Pedra chata" em tupi-guarani, ganhou autonomia em 1769.

Jaboticabal
Cresceu com a cultura cafeeira. Tornou-se freguesia de Araraquara com o nome de Nossa Senhora do Carmo de Jaboticabal, em 1857. Quase dez anos depois transformou-se em vila, abreviando seu nome.

Marília
Formou-se com imigrantes atraídos pelas fazendas de café e trazidos pela Companhia Paulista de Estradas de Ferro, a partir de 1916. Criado em 1928, o município homenageia o poema *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga.

Ourinhos
Desenvolveu-se após a construção de uma estação da Estrada de Ferro Sorocabana, em 1912, e conquistou autonomia em 1918.

Presidente Prudente
Devido à proximidade com a Estrada de Ferro Sorocabana, expandiu-se economicamente, o que possibilitou a criação do município em 1921.

Registro
No século XVIII, quando nasceu, recebia embarcações com ouro que desciam o Rio Ribeira de Iguape. Após o ciclo de mineração, ressurgiu a partir de 1920, com as atividades agrícolas de imigrantes japoneses.

Rio Claro
Povoado fundado por bandeirantes no século XVIII. Com a agricultura da cana e a pecuária, prosperou no século XIX e conquistou autonomia em 1845.

Rosana
Seu crescimento é recente e associado à Hidrelétrica de Porto Primavera (atual Engenheiro Sérgio Motta). Tornou-se município em 1990.

São José do Rio Preto
Criada em 1894, tornou-se polo comercial beneficiada pela Estrada de Ferro Araraquara. Recuperou-se da crise de 1929, a partir da década de 1940, com a indústria de extração de óleo comestível.

São José dos Campos
Originou-se de um aldeamento indígena fundado por jesuítas, sob a liderança de José de Anchieta, no final da década de 1550. Conquistou autonomia em 1768.

São Paulo
A Vila de São Paulo de Piratininga foi fundada em 1554 por jesuítas liderados por Manoel da Nóbrega e José de Anchieta. Prosperou com o comércio da mão de obra indígena e a descoberta de metais preciosos por bandeirantes nos séculos XVII e XVIII e com a cultura cafeeira no século XIX. Na década de 1910, já era o principal centro industrial do país. Nos últimos cinquenta anos, ganhou características de metrópole mundial.

São Vicente
Primeira vila fundada pelos portugueses, em 1532, durante a expedição de Martim Afonso de Souza. Recebeu as primeiras mudas de cana-de-açúcar do país, trazidas da Ilha da Madeira.

Sorocaba
Fundada em 1654 pelo bandeirante Baltazar Fernandes, conquistou autonomia sete anos depois. Destacou-se pelo comércio de gado e organização de bandeiras, cultivo de algodão e industrialização.

Tupã
Foi fundada em 1929 para criar um novo centro de desenvolvimento entre as regiões Noroeste e Sorocabana e ganhou autonomia em 1938. O nome homenageia tribos da região.